

Editorial



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](#)

Pesquisas e estudos sobre ciência e ensino de ciências são fartas em nosso meio acadêmico. Fortemente vinculadas aos programas de pós-graduação em Educação ou aos programas de Ensino de Ciências e Matemática (área 46, injustamente extinta pela CAPES em 2011), os estudos e pesquisas empreendidos nessa área têm trazido grandes contribuições para se pensar a produção e a transmissão do conhecimento científico, tanto nos âmbitos escolares, como nos espaços informais, tais como museus e feiras de ciências.

Teóricos da Educação e os documentos de orientação educacional (Diretrizes Curriculares, PCN, Livro Verde) têm assinalado que o ensino de ciências superou, nas últimas décadas, a visão da neutralidade científica em prol da visão interdisciplinar, que conecta a produção da ciência com o entorno sócio-político-econômico e cultural. Essa visão demonstra a mudança, se não na prática, pelo menos no discurso sobre o ensino de ciências nas escolas, que torna o conhecimento científico consciente e comprometido com o meio não só educacional, mas também social e, sobretudo, ambiental.

Imbuída dessa visão e da importância da temática, a revista *Educação teoria e prática* dedica o presente volume (n. 22) à exposição das vozes (manifestas pela escrita) dos especialistas, a fim de ouvi-los a partir das várias leituras empreendidas sobre ciências e ensino de ciências no contexto contemporâneo. Para esse número temático buscamos especialistas no âmbito nacional que, por perspectivas diferentes, têm se dedicado à tarefa de pensar a ciência e o seu ensino. São especialistas que, gabaritados por sua dedicação à pesquisa, trazem subsídios importantes para a compreensão da nobre tarefa de se ensinar ciências em nosso país. Nesse sentido, você, leitor de *Educação teoria e prática*, tem em mãos leituras e informações

interessantes que, certamente, subsidiarão a ampliação do conhecimento e fomentarão reflexões significativas sobre as perspectivas acerca do ensino de ciências. Nesse volume somamos contribuições de 13 artigos científicos, que versam sobre diversas preocupações acerca da temática proposta; e, por isso, não privilegamos uma única visão, ao contrário, agregamos leituras distintas que enriquecem as informações. O transito das análises percorre várias perspectivas de âmbito histórico-epistemológico, didático, político, social e de formação de professores. Assim, o leitor terá um panorama acerca das pesquisas sobre ciências e ensino de ciências na atualidade.

André Ferrer Martins em seu artigo “História, filosofia, ensino de ciências e formação de professores: desafios obstáculos e possibilidades” apresenta contribuições significativas para se pensar a importância da história e filosofia da ciência no ensino e na formação de professores de ciências. Maria José P.M. Almeida também emprega a leitura da história e filosofia da ciência na perspectiva da análise do discurso, a fim de demonstrar como funcionam as “Leituras de/sobre história e filosofia da ciência na formação inicial do professor de física”.

No artigo “É possível propor a formação de leitores nas disciplinas de ciências naturais? Contribuições da análise do discurso para a educação em ciências”, Cassiani, Giraldo e Linsingen enfocam a formação de leitores a partir das histórias de leituras de estudantes. Os autores referem que o estudo contribui de forma significativa para o aprofundamento da compreensão sobre as relações estabelecidas entre textos e leitores.

Afirmando a importância do enfoque histórico-filosófico para o ensino de biologia, Charles Murphy e Bruna Klessa, defendem a “despersonalização” do ensino de evolução, considerado o centro epistemológico da biologia. Os autores propõem-se a “desconstruir a visão simplista amplamente difundida de uma ciência personalizada e mostrar uma alternativa de se repensar o ensino de biologia sob uma perspectiva evolutiva”. Ainda, trilhando a perspectiva histórica, Zancul e Souza “examinam a potencialidade analítica do estudo dos instrumentos antigos na escrita e na história do ensino de ciências a partir do trabalho de organização de uma coleção de objetos antigos, pertencentes ao laboratório de física” de uma escola pública da cidade de Araraquara.

No campo das leituras didáticas destacamos o trabalho de Zuliani (e equipe), que no artigo “O experimento investigativo e representações de alunos de ensino médio: obstáculos epistemológicos em questão” explora o “potencial teórico-metodológico de uma atividade investigativa como recurso didático para o processo de construção e validação de hipóteses”. Segundo os autores, a análise demonstra que há obstáculos animistas e realistas (fundamentados por Bachelard), que podem dificultar a compreensão dos conceitos científicos por parte dos alunos.

O número de artigos preocupados com a formação de professores (inicial ou continuada) mostra o quanto essa temática é cara à área de ensino de ciências. O artigo de Pedro da Cunha Pinto Neto “Química e literatura na formação de professores” expõe reflexões sobre a “formação de professores de químicas em suas múltiplas dimensões e analisa o papel das representações sobre a química e a atividade do químico nesta formação”. Orientado por meio de obras literárias, o estudo apresenta as construções dos estereótipos do químico, inseridos na representação da “ciência de loucos”.

É enfática a preocupação com a formação inicial exposta no artigo “Produção de narrativas reflexivas por licenciandos em química como modo de construção de aprendizagem docente”, de Dulcimeire A. V. Zanon. As narrativas reflexivas, produzidas por estagiários de licenciatura em química, permitem a esses estudantes a “oportunidade de repensar suas práticas e concepções e avaliar o seu desempenho profissional”. Zanotello e Fagundes analisam a recepção da disciplina de física moderna e contemporânea dos alunos de primeiro período de física de uma universidade federal, e mostram que, tanto docentes quanto estudantes, defendem que os conteúdos de FMC sejam trabalhados também na educação básica. Nilson Garcia e Ivanilda Higa analisam aspectos teóricos e políticos da formação de professores, partindo de “reflexões sobre a atual conjuntura das políticas educacionais e do significado de ser professor hoje”.

No artigo “Formação e desenvolvimento do professor de química: a história de Jailton”, Ribeiro e Bejarano mostram que “o professor constrói saberes ao longo de seu percurso de vida e de trabalho e muitos desses saberes não advêm da academia”. A partir do acompanhamento da história de Jailton defendem que “o professor

aprende com as experiências, bem e mal sucedidas, e vai construindo conhecimentos referenciais que o ajudarão a avaliar as futuras situações”.

No espaço educacional fora do ensino oficial o artigo de Elisabeth Gonçalves e José Antonio Bonato, “Mídia e a educação científica: uma discussão sobre a cobertura da reforma do código florestal brasileiro pela Folha de S. Paulo”, objetiva mostrar a “importância do conhecimento científico para tomadas de decisões nos diferentes setores da sociedade e sobre o compromisso da mídia em não se restringir à cobertura factual, mas contribuir para o processo educacional”. E, finalmente, o trabalho de Maria Lívia Gonçalves e Antonio Carlos Amorim, “Gabinete de curiosidades: o paradoxo das maravilhas”, percorre a obra *Memento mori*, do artista plástico Walmor Corrêa, a fim de se “pensar os sentidos da ciência, principalmente, da biologia”. A defesa do trabalho é a de que “*Memento mori* pode multiplicar possibilidades no entre arte-ciência, questionar a centralidade das regras normativas, efetuando-se como uma atividade política no encontro entre arte-biologia”.

A partir do breve relato dos artigos contidos neste volume de *Educação teoria e prática* o leitor, certamente, já sabe prever a riqueza de informações que os trabalhos aqui agregados oferecem ao campo educacional, sobretudo, à área de ensino de ciências.

Desejamos-lhe um ótimo estudo e bom aproveitamento desse material, doravante à sua disposição.

Marcia Reami Pechula

Pela comissão editorial